

# Terapia de casal e de família na clínica junguiana

Teoria e prática

VANDA LUCIA DI YORIO BENEDITO (org.)



*TERAPIA DE CASAL E DE FAMÍLIA NA CLÍNICA JUNGUIANA*  
*Teoria e prática*

Copyright © 2015 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Capa: **Buono Disegno**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Santana**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

**Summus Editorial**

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

<b>PREFÁCIO</b> .....	7
<i>Laura Villares de Freitas</i>	
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<i>Vanda Lucia Di Yorio Benedito</i>	
<b>PARTE I – BASE TEÓRICA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA PARA TERAPIA DE CASAL E DE FAMÍLIA</b> .....	13
<b>1. A TERAPIA DE CASAL E DE FAMÍLIA NA PSICOLOGIA ANALÍTICA BRASILEIRA</b> .....	15
<i>Vanda Di Yorio Benedito</i>	
<b>2. A CONJUGALIDADE NA PSICOLOGIA ANALÍTICA</b> .....	37
<i>Susan Carol Albert</i>	
<b>3. A PSICOLOGIA ANALÍTICA E A TERAPIA FAMILIAR</b> .....	47
<i>Aurea Afonso M. Caetano, Deusa Rita Tardelli Robles, Maria Silvia C. Pessoa, Olga Maria Fontana</i>	
<b>4. EROS E PODER NA CONJUGALIDADE E NA TERAPIA DE CASAL</b> .....	59
<i>Vanda Lucia Di Yorio Benedito</i>	

**5. O CASAMENTO COMO PALCO DE REEDIÇÃO  
DAS FERIDAS: UMA LEITURA SIMBÓLICA** . . . . . 79  
*Jane Eyre Sader de Siqueira*

**6. TE PERDOO POR TE TRAIR(ES)** . . . . . 107  
*Deusa Rita Tardelli Robles, Maria Sílvia C. Pessoa, Olga Maria Fontana*

**PARTE II – A PRÁTICA CLÍNICA DA TERAPIA DE  
CASAL E DE FAMÍLIA NA ABORDAGEM JUNGUIANA** . . . . . 125

**7. ARTICULAÇÃO TEÓRICA E PRÁTICA ENTRE A PSICOLOGIA  
ANALÍTICA E A PSICOTERAPIA DE CASAL: UM CASO CLÍNICO** . . . . . 127  
*Adriana Lopes Garcia, Irany de Barros Agostinho, Isabel Cristina Ramos de Araujo,  
Maria Beatriz Vidigal B. de Almeida, Maria da Glória Gonçalves de Miranda, Marli Tagliari*

**8. QUANDO SE ENTRELAÇAM DOIS PROCESSOS DE INDIVIDUAÇÃO** . . . 161  
*Marli Tagliari*

**9. A VIVÊNCIA DA MORTE E O RESGATE DA VIDA NA  
TERAPIA DE CASAL: REFLEXÕES SOBRE UM CASO CLÍNICO** . . . . . 183  
*Jane Eyre Sader de Siqueira*

**10. O SONHO COMO RECURSO TERAPÊUTICO  
NA TERAPIA DE CASAL** . . . . . 209  
*Maria Sílvia C. Pessoa*

**11. TERAPIA DE SANDPLAY COM CASAIS** . . . . . 233  
*Susan Carol Albert*

**12. INTERVISÃO – UMA EXPERIÊNCIA EM GRUPO  
UTILIZANDO MINIATURAS** . . . . . 255  
*Cláudia Nejme, Liriam Jeanette Estephano, Olga Maria Fontana*

# Prefácio

Eros é um *kosmogonos*, um criador, pai e mãe de toda a consciência.  
(Jung, 1961, p. 305)

ESTE LIVRO VEM PREENCHER um espaço na enorme lacuna que há na literatura da psicologia analítica concernente à compreensão e ao atendimento de casais.

Trata-se de uma coletânea, organizada pela analista Vanda Lucia Di Yorio Benedito, que apresenta aspectos do trabalho clínico e reflexões elaboradas, e agora generosamente compartilhadas, por um conjunto de autoras seriamente engajadas na prática profissional. Aqui buscam aprofundá-la, embasá-la e articulá-la a elementos teóricos consistentes na contemporaneidade.

O tema da família, que inclui a consideração do casal, é um dos mais controvertidos e em ebulição na sociedade atual. A família nuclear – homem-mulher-filho(s) – vem passando por enormes transformações, solicitando que se levem em conta laços de parentesco biológico e social, de afeto, de contratos formais e informais, e inúmeros novos desenhos têm sido esboçados e vividos no dia a dia.

Embora haja um número crescente de pesquisas a esse respeito, é enorme a profusão de configurações inéditas nos agrupamentos familiares atuais, e achados que levantam novos questionamentos e abrem possibilidades de interação, inclusão e articulação entre diferentes, incentivando a reflexão, têm sido mais ricos do que aqueles que se pretendem conclusivos. Há, por exemplo, propostas de redefinições do que seja a família, estendendo-a de maneira a incluir outros elementos.

De qualquer maneira, o casal continua sendo uma unidade que merece atenção, e crescente, pois permanece como um esteio, por um período de tempo variável, e é constantemente confrontado com novos desafios. O casal também tem suas próprias dificuldades, sofrimentos e desafios. Além disso, como unidade em si, pode ser importante incentivador do desenvolvimento psicológico de cada um.

O primeiro capítulo narra um histórico da terapia de família e casal nas últimas décadas. Vale ressaltar que, embora exista um número significativo de profissionais trabalhando nessa área e um volume (menor) de publicações a esse respeito, ainda falta muito!

Diante de tamanha diversidade de configurações familiares, ainda por cima articuladas a vicissitudes da vida atual – como questões referentes a novas tecnologias, a grandes centros urbanos, a uma relação vertiginosa com o tempo, à economia, entre outras –, o jeito é arregaçar as mangas, pôr as mãos na massa e trabalhar, pouco a pouco, somando esforços, compartilhando estudos e experiências e refletindo sobre elas.

Aqui há uma alusão a um trabalho quase artesanal, e essencialmente feminino, de tecer uma rede de práticas e conceitos embaixadores e desencadeadores de desenvolvimentos futuros. Passo a passo, como cabe a uma elaboração psicológica. Em um grupo acolhedor e continente das diferenças e semelhanças.

Esta obra é fruto exatamente de um trabalho dessa natureza. Suas autoras por alguns anos dedicaram-se a consolidar uma prática clínica e, por outro lado, a buscar elementos teóricos. São profissionais competentes, como se pode depreender dos capítulos que seguem.

Encontram-se neles considerações oriundas da psicologia analítica tal como proposta por Carl G. Jung, assim como reflexões e conexões que as atualizam e passam a inspirar uma prática consistente. Da leitura depreende-se também uma postura aberta, atenta e bem informada, que em alguma medida leva em

conta contribuições de outras abordagens psicológicas, como o psicodrama, a psicanálise e a abordagem sistêmica.

Destaca-se, em mais de um capítulo, a preocupação em situar historicamente as ideias e propostas teóricas e técnicas apresentadas, o que reflete honestidade profissional e ajuda a contextualizar as autoras em seus trabalhos. E, sobretudo na segunda parte do livro, são apresentados exemplos clínicos, acrescidos de considerações que acabam por ressaltar no livro sua qualidade didática e formadora de profissionais. Temas clássicos na psicologia junguiana, como o trabalho com a sombra, as polaridades, os sonhos, a traição e a morte, estão presentes. Há também inovações técnicas no meio junguiano, como a proposta do uso da terapia de sandplay com casais e a de intervenção como forma de supervisão do trabalho.

Cabe enfatizar que, embora cada capítulo possa ser lido por si só, como uma unidade autônoma, depreende-se da leitura do livro algo como uma teia construída, sólida, flexível e dinâmica, articulando seus conteúdos numa interação que reflete um trabalho de grupo e também a qualidade da presença de Vanda como organizadora da obra, costurando cada aspecto e possibilitando que a obra ganhe corpo.

Jung criou uma perspectiva psicológica em que a noção do processo de individuação ocupa um lugar central e serve como direção norteadora para a consideração de diferentes momentos, períodos, conflitos, crises e empreendimentos ao longo da vida. No entanto, ainda que destaque uma dimensão individual, de modo nenhum ele buscou construir uma psicologia que encapsulasse cada ser em uma unidade isolada. O aspecto coletivo e comum a todos é por ele enfatizado e, de modo aparentemente paradoxal, situado também em cada um de nós, quando fala em inconsciente e em consciência coletivos. O psicológico só existe em relação. Apesar da existência *a priori* dos arquétipos, são os complexos que constituem a identidade, e eles se formam na experiência vivida, isto é, nas relações em dado contexto. Nessa

psicologia, a dimensão de Eros é fundante do psíquico e não é possível conceber o desenvolvimento da consciência e a instauração da subjetividade sem levar em conta o contexto, isto é, o mundo em que se vive com sua enorme teia de relacionamentos.

O casamento, ou o *self* conjugal, é uma das situações humanas com grande potencial de favorecer o processo de individuação. Jung, embora tenha sobretudo desenvolvido e fundamentado a análise individual, escreveu em 1925 um texto em que aborda o casamento como um relacionamento psicológico, que se encontra no volume *O desenvolvimento da personalidade*. E, em duas de suas maiores e mais maduras obras, *Psicologia da transferência* (1946) e *Mysterium Coniunctionis* (1955-1956), valeu-se de imagens e ideias alquímicas que expressam a relação entre opostos – mais frequentemente um homem e uma mulher – para desenvolver e elaborar suas ideias sobre o desenvolvimento da consciência, o inconsciente como matriz da vida psíquica, a dinâmica entre essas duas instâncias, a relação com o analista e aquela do ego com sua contraparte anímica.

A psicoterapia, grande criação do último século para impulsionar o desenvolvimento psicológico e lidar com suas feridas e inibições, cresce e ganha corpo ao abrir suas portas aos casais e às famílias, como comprova o texto que segue.

Espero ter nas linhas acima fundamentado minhas boas-vindas a esta obra, desejando-lhe obter amplo alcance em nosso meio profissional e poder ser também semeadora de novas ideias e práticas.

*Laura Villares de Freitas*

# Apresentação

ESTE LIVRO FOI ELABORADO pelos participantes dos diversos grupos que fizeram parte do Núcleo de Terapia de Casal e Família da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica desde o ano de 2000, quando se formou a primeira turma.

O objetivo do núcleo é divulgar o pensamento junguiano aplicado ao estudo e atendimento clínico a famílias e casais de baixa renda.

Nosso compromisso científico com esse trabalho nos motivou a sistematizar nossas experiências e nossas reflexões nesse campo com a realização deste livro.

Fizemos um percurso de quatro anos para finalizar este projeto. Foi muito enriquecedor para todos, uma vez que cada texto era discutido pelo grupo, lido e relido até ser aprovado. Nesse processo aprendemos muito mais que teoria e técnica. Aprendemos a ouvir críticas ao nosso trabalho, a ouvir diferentes ideias e valorizar o pensamento do outro, a ceder nosso tempo para um bem comum: o nosso livro.

Realmente foi um grande exercício de humildade, generosidade e muita criatividade. Foram 30 mãos que, respeitando o trabalho alheio, escreveram com *eros* e paixão esta obra. O exercício do poder foi realizado dentro do grupo à medida que cada um teve autonomia para decidir o caminho que queria percorrer dentro desse processo. A liberdade para nos expressar, a alegria de compartilhar nossas ideias, os momentos de brincadeira criaram um relacionamento grupal que nos preencheu afetiva e intelectualmente.

Há quatro anos este projeto era apenas um sonho, e, como sonhamos juntas, o fizemos tornar-se realidade.

*Vanda Lucia Di Yorio Benedito*

PARTE I —  
Base teórica da psicologia  
analítica para terapia de casal  
e de família

# 1. A terapia de casal e de família na psicologia analítica brasileira

*Vanda Lucia Di Yorio Benedito*

Caminhante não há caminho.

Faz-se caminho ao andar.

(Antonio Machado, 1912)

REZO TODOS OS DIAS para que a minha intuição nunca me abandone. Acho que essa foi a principal via pela qual construí meu percurso profissional, pavimentando-a com muito estudo, leituras, cursos, vivências, congressos, supervisões.

A intuição não é mágica, não brota do nada. É resultado de um processo silencioso que deixa sinais sutis que a consciência não capta racionalmente, até que uma síntese se impõe como uma nova condição para a psique, que pode acolhê-la ou não. Eu acolhi essa nova possibilidade.

Resolvi ser terapeuta de casal ao terminar de assistir ao filme *Eu sei que vou te amar*, de Arnaldo Jabor, em 1986. Quando terminei minha graduação, comecei a estudar a psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Atendia a adultos e crianças em psicoterapia. Aos poucos, fui percebendo que as sessões de devolutivas dos psicodiagnósticos infantis para os pais foram ficando mais extensas, mais elaboradas, e os sintomas dos filhos eram compreendidos simbolicamente como uma manifestação das dificuldades inconscientes e não resolvidas dos pais. Ainda no contexto das sessões de devolutivas, comecei a trabalhar diretamente com o casal antes de iniciar a psicoterapia dos filhos.

Até aquele momento, não me percebia como terapeuta de casal. Gradualmente, o meu foco de interesse mudou da psicoterapia individual com crianças para o atendimento de casais.

Foi nesse movimento de responder a novos apelos originados da minha prática clínica que o filme do Jabor me capturou. Fiquei tão fascinada pelos diálogos vivos, intensos, amorosos e rancorosos, pelas ambiguidades e fantasias daquele casal em cena que saí do cinema imaginando e desejando ser terapeuta deles. Dali em diante, nunca deixei de dialogar com esse filme, que considero meu primeiro interlocutor no processo de me tornar terapeuta de casal.

Mas que tipo de terapeuta de casal eu queria me tornar? Por qual referencial iria me guiar? Até aquele momento, o meu embasamento mais sólido era o estudo da psicologia analítica e um curso de especialização em psicodrama pela Sociedade de Psicodrama de São Paulo.

Era bem forte minha identificação profissional e pessoal com a abordagem junguiana. Internamente, formulei um desafio: construir-me como terapeuta de casal dentro desse referencial teórico, mesmo sabendo que não contaria com nenhum modelo mais estruturado que pudesse me dar um caminho já pavimentado.

Aluguei o filme *Eu sei que vou te amar* muitas vezes. Transcrevi seus diálogos e debrucei-me sobre eles tentando decifrar a dor psicológica que gerava e mantinha os conflitos daquele casal. Busquei entender a comunicação dessa dor naquela relação, as projeções, os medos e as armadilhas com ouvidos “janguianos”. Aos poucos, essa escuta foi se transformando em possíveis leituras teóricas. Desse exercício nasceu um artigo para a revista *Viver Psicologia* no qual realizei uma leitura junguiana do filme de Arnaldo Jabor.

Os casais começaram a chegar ao meu consultório, e a demanda para aprofundar o estudo nesse campo da psicologia e buscar uma prática clínica mais eficiente cresceu.

Naquela época, meados dos anos 1980, tive dois grandes interlocutores; um deles, Regina França, psicodramatista, terapeuta de casal e família, com quem desenvolvi a maior parceria profissional da minha vida, que felizmente dura até os dias atuais.